

O Valor da Diversidade¹
Profª Drª Dulce Adélia Adorno Silva²
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

RESUMO

Parte do valor (Hessen e Resweber) da diversidade, que se concretiza pela comunicação entre os seres humanos cujas diferenças são marcantes. Analisa a diversidade como característica dos indivíduos que, em sociedade, desenvolvem especificidades grupais e/ou culturais. As linguagens propiciam a mediação entre seres diferentes (o eu e o outro), cuja relação dialética gera conflitos, que devem ser mediados pelo diálogo. Baseia-se na complexidade humana (Morin), revelada pelas linguagens, cuja consequência deve ser a convivência pacífica, pela transmissão de valores para preservar as culturas. Baseia-se em Peirce, que informa que, na Secundidade, o homem desenvolve sua identidade, pela relação com o outro. Na sociedade complexa, também as TIC podem ser usadas em favor da aceitação das diversidades. Critica conflitos mundiais; ignoram o outro.

PALAVRAS-CHAVE: Valor da diversidade; Complexidade humana; Secundidade da diversidade; Aceitação das diferenças.

INTRODUÇÃO:

A palavra diversidade, de acordo com o dicionário, já revela o significado: diferença -, o que pressupõe que os seres humanos, considerada a sua evolução são marcados por diferenças. Por isso, a primeira análise realizada no artigo, diz respeito ao significado e a importância que essa característica dos seres humanos sempre teve, para o desenvolvimento e formação deles, principalmente sob a visão da complexidade, quando os homens são vistos em sua multiplicidade, não apenas como *homo sapiens*.

Assim, analisa-se também a complexidade humana (conforme Morin) como sendo uma das causas da diversidade, que se expressa pelas linguagens e que, muitas vezes, expressam o conflito que é característica humana. Constata que esses conflitos são expressos pelas linguagens que também podem e devem ser usadas como mediação para convivência pacífica, por meio do diálogo. Analisa, portanto, a diversidade como valor das culturas, que devem ser preservadas por meio da convivência pacífica.

¹ Trabalho apresentado no GP 7- Semiótica da Comunicação -, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Profª Drª do Centro de Linguagem e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Observa-se que o ato de comunicação pressupõe o eu e o outro e, como linguagem humana, cuja comunicação se faz como processo dialético, porque pressupõe o conflito, a ação e a reação, que ocorre por meio dos signos.

Analisa a diversidade humana, a partir da Semiótica, como expressão da secundidade; portanto ela deve aceitar o outro, pois o conflito deve ser mediado pela comunicação dialógica, a fim de que o ser humano reconheça a importância do outro e para que ele forme sua identidade social, para manter a civilização e seus próprios valores. No entanto, a relação comunicativa mediada faz-se de modo diferente no mundo atual, uma vez que a sociedade se tornou complexa, por causa do desenvolvimento humano e da evolução das tecnologias. Conclui que a aceitação das diversidades deve ser divulgada por meio das novas tecnologias.

A CONCEPÇÃO DE DIVERSIDADE:

Conforme o dicionário (BORBA, Francisco S. (Org), 2004) a palavra: diversidade-significa variedade, diversificação, ou seja, algo que oferece vários aspectos, diferenças. Ela é uma característica que alicerça a evolução humana, considerando sua pluralidade, desde a origem, mesmo que se considerem as características comuns aos grupos divergentes da espécie humana, que marcam a cultura e sua evolução.

Segundo a visão de Edgar Morin, o ser humano é *homo complexus*, assim a diversidade não é apenas uma característica de cada indivíduo, mas de todos os grupos que se unem pela tradição (cultura), território, língua etc e que constituem algo comum ao grupo. Portanto, para que se entenda a diversidade humana e social é preciso entender o homem a partir da visão da complexidade: *homo sapiens e demens*. (MORIN, 2004, p. 58) *faber e ludens, empiricus e imaginarius, economicus e consumans, prosaicus e poeticus* (Ibid., p.87) e *homo mitologicus*. Esse homem multifacetado e integrado existe no e pelo tecido da complexidade, porque se insere na tríade: indivíduo, sociedade e espécie -, que reúne as características individuais de cada ser humano, que se integram, na diversidade das culturas e no sentimento de pertencer à espécie humana (Ibid., p. 55) e que se diferencia dos outros animais, ou seja, ele é diferente deles.

Além disso, MORIN (1998) constata que a sociedade humana afastou-se, em parte, da natureza, em função da organização de sua própria vida. Mas, ele reconhece que:

A cultura, tal como qualquer dispositivo informacional/generativo, permite

manter a complexidade singular de uma sociedade (o seu modo de vida, o seu gênero de vida, os seus usos, os seus costumes, as suas técnicas), isto é, assegura a invariância desta complexidade, ou seja, a identidade de uma sociedade singular. (p.108)

Assim, o autor constata que a sociedade pode integrar o novo, como pode rejeitá-lo. Porém, acrescenta que ela deve estar aberta para o novo. No entanto, reconhece que as culturas antigas, por meio de rituais e tabus criaram uma “blindagem protetora da invariância” (Ibid.) Isso significa que, mesmo como um ser complexo, ou seja, repleto de características diversas, o homem, muitas vezes, optou por bloquear a diversificação, como, por exemplo, a formação dos exércitos, cuja uniformidade representa uma forma de preservar (ou proteger) a cultura, o território, a língua etc de uma nação.

Esse fato se iniciou com a passagem da comunidade para uma vida complexa, onde *as relações interindividuais passam a fazer parte do tecido social e constituem um aspecto essencial da Gemeinschaft* (comunidade) (p. 109). Mas, observa que, nesse momento,

Cada grupo adquire uma identidade muito forte e muito singular, não só porque adquire de fato essa singularidade derivando e diferenciando-se culturalmente do tronco originário, ao longo do gigantesco processo de diáspora da espécie humana com diversificação das línguas, das crenças, dos costumes, dos deuses) mas também na cristalização psíquica ego-sociocêntrica que se faz sobre a comunidade. (Ibid.)

Nesse sentido, considerando a dispersão dos povos pelo mundo, o autor analisa o caminho da diversidade humana que inclui a comunicação, que a expressa, mas também a diversidade cultural que envolve costumes, línguas etc dos indivíduos em sociedade, mas que pode também, direcionar a sociedade humana para a massificação, porque ignora a multiculturalidade em função do exercício do Poder, que, em função da dominação, situa os indivíduos na massa, ignorando a complexidade que expressa as diferenças humanas. Os indivíduos na massa submetem-se ao Poder que os domina e dilui as diversidades de cada um ou de cada grupo social, visto que, como acontece no Estado Totalitário ou de Exceção, os indivíduos, quando ameaçados, fragilizam-se e perdem o senso crítico, reagindo apenas emocionalmente, o que favorece o exercício do poder.

Por que o indivíduo no grupo sofre essas alterações mentais? Freud faz análise psicológica dessa submissão, que significa a influência do grupo, que tem como resultado na alteração da atividade mental do indivíduo, porque:

intensifica sua submissão à emoção; sua capacidade intelectual é reduzida; ambos os processos dirigem-se para uma aproximação com os outros

indivíduos do grupo; esse resultado só pode ser alcançado pela remoção da inibição aos instintos (peculiares a cada indivíduo) e pela resignação deste àquelas expressões de inclinações que são especialmente suas. (1969, p.113)

Se o indivíduo na massa perde seu valor como ser que pensa e reage pela crítica, porque acaba submetido ao poder, então a invariância e/ou uniformidade, nem sempre constituem respeito (também é valor) ao direito às diversidades individuais e sócio-culturais.

Por isso, é preciso entender e aceitar as diversidades, reconhecendo o seu valor e usando sempre o diálogo para resolver conflitos, que possam surgir por causa das diferenças tanto individuais quanto socioculturais.

A DIVERSIDADE COMO VALOR

Como analisado, a diversidade é base do humano em seu processo de evolução, logo é preciso entendê-la como valor, uma vez que ela é característica marcante de cada indivíduo, uma vez que cada um possui sua personalidade. Portanto, a partir de Hessen (1946, p.36), analisa-se o valor, que não se situa na economia: “Valor é objeto de uma experiência, de uma vivência: valor de uma personalidade excepcional, beleza de uma paisagem, caráter sagrado de um lugar; falamos de valores éticos, estéticos, religiosos (nossa vivência desses valores é um fato)”

De início, concorda-se com o autor que “Valor é, sem dúvida, algo que é objeto de uma experiência, de uma vivência.” (p.38). Logo, pode-se inferir que valor é aquilo que assimilamos, a partir de nossa própria vida, que se realiza na relação com o outro. Logo, o valor se faz em nossa consciência, como resultado de nossa vivência, cuja relação com o outro é condição *sine qua non*.

Ainda, Hessen acrescenta: “no conceito de valor está incluído o da sua referência a um sujeito. “Valor é sempre valor para alguém. (...) é a qualidade de uma coisa, que só pode pertencer-lhe em função de um sujeito dotado de uma certa consciência capaz de a registrar.” (p.45). Ele também reafirma depois, que o valor está sempre para alguém, o que gera semelhança com o conceito de signo, mas a diferença contundente entre ambos é que este pertence à significação (Lévinas) e aquele ao sentido, que é próprio do ser humano.

Por esse motivo, a relação com o outro é o fundamento e a base do valor, o que se pode reforçar por meio de outro estudioso do assunto: “O desejo funda o valor, alicerçando-o na relação, pois as representações de que se socorre, não são mais, afinal, do que símbolos

fundadores do reconhecimento e da reciprocidade.” (RESWEBER, 2002, p.13) Além de analisar os diferentes tipos de valor: o Bem, o Belo etc, constata que dos valores depende a “realização de um ideal ético na cultura e na sociedade, mas também na ordem de uma natureza trabalhada pelo homem” (p.17). Embora a sociedade tenha evoluído e se tornado complexa, certamente, o princípio dos valores, como cita o autor (p.19), está “na experiência da relação intersubjetiva.”, embora essa relação exista em um novo contexto que valoriza a economia de mercado que mantém a pobreza; responde aos conflitos por meio de guerras, que se impõem pelo avanço tecnológico e, por conseguinte, pelo desejo de dominação; e que possui novas formas de comunicação para essa finalidade.

Dentro desse contexto, os valores dependem da comunicação, ou seja, das linguagens, que lhes possibilitam a contextualização no campo da significação, determinada por um consenso social, reiterando, portanto, a necessidade da presença do outro que participa da concordância, para que eles se estabeleçam como crença. Assim, a presença do outro (refere-se aqui, à aceitação da diversidade do outro), que se reconhece, por meio da relação intersubjetiva, firma o “consenso, dever-ser, lei, reconhecimento do outro, elo intersubjetivo, fundado na partilha dos sentimentos comuns ou da palavra.” (p.25). Certamente, tanto as linguagens: os sistemas de signos (gestos, expressão facial, mídia etc) -, como os utensílios são meios de comunicação, que estão a serviço da instituição e do reconhecimento do outro como valor.

Porém, na sociedade atual o valor econômico, utilitário, suplanta o valor ético, moral etc, porque o renega em função da *mais valia*, não importando quantas vidas humanas ou de outros animais serão sacrificadas para alcançar esse objetivo. Por tudo isso, abandona-se a consciência, abrigo da memória que pode redirecionar a História, em função da aceitação do outro com sua diversidade; valor há muito tempo abandonado, pelos meios de comunicação, cujo objetivo centra-se na manipulação em função de ganhos econômicos e políticos, relegando o ser humano para outro plano qualquer³.

A partir dessa reflexão, situa as linguagens (incluem-se os meios de comunicação) como o meio para a compreensão das diversidades humanas, para aceitá-las e entendê-las, como valor humano e não, como preconceito que foi instituído a partir da imposição de valores, que possam atender à dominação para a reação de concordância massiva.

³ Várias pesquisas foram realizadas pela autora sobre Mídia e Violência, o que resultou no livro: O Poder do Poder da Comunicação. S. Paulo: Editora Ideias & Letras, 2015.

Nesse sentido, interessa entender a diversidade como valor humano, uma vez que ela integra a formação do ser que se constrói dentro da complexidade que, também, entende o homem como *homo signans*, cuja personalidade é desenvolvida dentro da complexidade da relação com o outro, ou seja, a diversidade se institui pelas linguagens, que mediam o contato com os outros seres. Isso remete à Semiótica de Peirce, porque a vivência pertence ao homem, contudo seu significado se expressa pelos signos ou, quando se remete a Lévinas (1991), pertence ao sentido, embora se traduza pelo processo de significação. Tendo como base a Semiótica de Peirce, analisa-se a seguir a importância da diversidade para o desenvolvimento humano.

A VISÃO SEMIÓTICA DA DIVERSIDADE

Para se entender a diversidade na Semiótica, observam-se as três categorias analisadas por Peirce, em função da análise dos signos que são o alicerce das linguagens:

Três elementos constituem todas as experiências. São categorias universais do pensamento e da natureza:

- a) Primeiridade: dá à experiência sua qualidade distintiva, seu frescor, originalidade irrepitível e liberdade. Ex.: o azul de um certo céu, sem independente de qualquer outra coisa. Mas, ao mesmo tempo, primeiridade é um componente do segundo;
- b) Secundidade: é aquilo que dá à experiência seu caráter factual, de luta e confronto. Ação é reação ainda em nível de binariedade pura, sem o governo da camada mediadora da intencionalidade, razão ou lei.
- c) Terceiridade: que aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo.
- Observe: o azul simples e positivo é um primeiro (primeira impressão);
- o céu, como lugar e tempo, aqui e agora, onde encarna o azul é um
- segundo (reação, relação, individuação etc); As duas categorias
- anteriores conduzem ao terceiro (SANTAELLA, 2004, p.11-14)

Portanto, a primeiridade corresponde ao impacto, à surpresa, à emoção, à sensação na percepção do outro, se o observarmos como linguagem. Mas, conforme o autor a linguagem não permanece na emoção, porque a secundidade que é binária ela se faz por ação-reação, luta e confronto. Ela é *consciência reagindo ao mundo* (apud), além disso, podemos resumir as características dessa categoria: sentem-se os fatos externos => resistem à nossa vontade; esbarramos em fatos reais que não cedem às nossas fantasias.

Isso esclarece que existir é relação, que significa ocupar um lugar no mundo, onde deixamos nossas pegadas, porque também nos confrontamos com os outros.

Se fôssemos uma massa uniforme, não haveria diversidade; não viveríamos as diferenças individuais, culturais e/ou sociais, porque o diferente não seria a base da construção humana das sociedades e nem haveria o valor das diversidades individuais, porque é no contato com o outro que encontramos (como já afirmado) e formamos a nossa própria identidade.

O confronto com outro, que Peirce denomina Experiência é tudo o que interrompe a nossa acomodação, que nos leva à nossa própria mudança e que faz com que passemos a pensar de modo diferente.

Dentre as três categorias para a compreensão e expressão do mundo por meio de signos, sem dúvida alguma, a diversidade está presente na Secundidade, visto que é consequência da reação e relação com o mundo, que inclui o outro ser humano. Peirce explica a secundidade pela ação/reação, por meio da relação com o mundo:

CONFLITO: a pessoa faz esforço muscular lança-se com todo o peso de seu corpo contra uma porta entreaberta. Há aqui um sentido de resistência. Não há esforço sem resistência equivalente e a resistência implica o esforço ao qual se resiste. Ação e reação são equivalentes. (Não há diferença entre agente e paciente, aqui) (PEIRCE, 1974, p.27)

Como afirmado a relação com o outro, também é explicitada:

No momento da surpresa existe a dupla consciência: de um lado o EGO, que é simplesmente a ideia esperada subitamente aniquilada, do outro lado do NÃO-EGO, o intruso na sua entrada abrupta. A Percepção representa dois Objetos agindo um sobre o outro, não se trata apenas de uma decisão sem apelo - (Ibid.)

A partir do ponto de vista desse autor, o contato com o outro é base para o conhecimento e a expressão do mundo. Essa reação/relação com o outro configura a importância das diferenças e/ou diversidades humanas, para a formação da nossa consciência, que configura a identidade de cada um. “Existir é estar numa relação, tomar um lugar no universo, resistir e reagir, ocupar um tempo e um espaço, enfim confrontar-se com outros corpos...” (SANTAELLA, 2000, p. 50)

Peirce e seus seguidores analisam o contato com o outro, que se alicerça na diversidade, cuja importância situa-se na formação de nossa própria identidade, o que é valioso, para

que o indivíduo adquira sua personalidade, que se configura muito mais pelas diferenças do que pela visão narcísica do próprio eu e/ou do mundo que não gira em torno de um único ser, mas da multiplicidade.⁴

Quando o autor se refere à secundidade, explica que a experiência significa o curso da nossa vida, que marca e transforma o mundo, conforme agimos sobre ele, mas essa ação não é isolada, porque o outro é único, ou seja: “o não-ego, o outro constituem-se no verdadeiro pivô do pensamento, aquilo que move o pensar, retirando-o do amortecimento”. (Santaella: 2005, p. 50)

A convivência com o outro, ou seja, com a diversidade humana, além de ser importante para a formação da identidade de cada um, conforme Peirce, é o que impulsiona o pensamento, ou seja, nos incita a pensar, “retirando-o do amortecimento” (apud) e avançar na vida por meio da relação com o outro. Dessa forma, o pensamento depende da secundidade, ou seja, é na terceiridade que podemos entender o valor da diversidade, ou seja, pensar que o outro não apenas tem o direito à vida, mas que ele é importante para a nossa própria formação, levando em conta as diferenças individuais, culturais etc, que ele possui. Assim, a inteligência humana que também é valor para a evolução social, ela só se desenvolve a partir da secundidade, pelo conflito (ação-reação) com os outros que não possuem identidade homogênea.

A experiência (secundidade) penetra o nosso mundo interior e afeta nossa consciência que, segundo Peirce, só se forma a partir do outro. Quando o autor faz a conceituação de secundidade, que consiste em reação e/ou relação, envolvendo dois elementos, declara: “Existir é estar numa relação, tomar um lugar na infinita miríade das determinações do universo, resistir e reagir, ocupar um tempo e espaço particulares, confrontar-se com outros corpos...” (SANTAELLA, 2001, p.47) -, o que pressupõe a presença do outro, também. A própria concepção de signo se sustenta na presença do outro, para o qual o signo faz a mediação: “Um signo é (...) algo que representa algo para alguém, sob algum prisma” (PEIRCE, 1972, p. 26)⁵.

A experiência significa exatamente a reação/relação com o outro, que se não contivesse a diversidade, que pode gerar conflito, não seria possível a formação da sociedade

⁴ Se o indivíduo não conviver com o outro, que é diferente dele, ele se torna autista. O conceito no dicionário indicado é: “estado mental caracterizado pelo alheamento do mundo exterior. *O autismo é uma anomalia do comportamento.*”

⁵ Refere-se a Obras, v.2, § 228,

complexa e nem seria possível pensar em valor do outro que faz com que cada um se desenvolva. Logo, a experiência é o movimento da vida e o espaço, onde vivemos, se faz por meio da ação de nossa experiência sobre ele, que resulta da secundidade, consequência da relação com o outro que nos leva a pensar, a partir da ação e reação, com que marcamos o mundo. O valor da diversidade se faz pelo diálogo constante com os outros que a expressam. Logo, nossa experiência de vida adquire valor por meio do diálogo e respeito ao outro. Essas vivências se tornam pegadas na História, uma vez que são rastros de nossa experiência.

CONCLUSÃO:

A aceitação do outro, o contato pela ação-reação ou relação pelo diálogo, suscita a aceitação do conflito como componente das diferenças humanas ou diversidades e, por conseguinte, também a aceitação do outro com respeito às suas próprias escolhas e/ou culturas específicas, com o objetivo de criar relações com outros valores sócio-culturais e políticos, que devem se realizar por meio da busca do diálogo entre diferentes pessoas e/ou povos, a fim de que se concretize a convivência pacífica.

Em função da aceitação do outro com suas diversidades, a comunicação deve intervir de forma incisiva, mas não somente a interpessoal, visto que vivemos em uma sociedade complexa que se fez a partir da Globalização, graças ao avanço das tecnologias. Por isso, as linguagens dos meios de comunicação (as TIC) precisam expressar o valor ético e moral das diversidades, para a existência da paz entre as pessoas e as diferentes culturas com suas especificidades.

Portanto, conclui-se que as diversidades devem ser assimiladas como valor humano, acima do valor econômico que, muitas vezes gera conflitos em função da escravização de seres humanos em função do ganho e não, do respeito a eles que, por sua experiência evolutiva, se fizeram diferentes tanto culturalmente como socialmente.

O respeito às diversidades deve ser disseminado, amplamente divulgado, para que os indivíduos, assim como os grupos sociais ou povos que as desenvolveram tenham a oportunidade de dialogar e não apenas se excluam por meio de uma invariância acima da necessária para preservar as culturas.

REFERÊNCIAS

- BORBA, Francisco S. (Org) **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. S.Paulo: Edit Unesp, 2004
- FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de Prazer. Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1969
- HESSEN, J.. **Filosofia dos Valores**. S. Paulo: Saraiva Editores, 1946
- LÉVINAS, E. **Humanismo do Outro Homem**. Petrópolis RJ: Vozes, 2009
- _____. **Entre nous: Essais sur le Penser-à-l'autre**. Paris:Grasset, 1991
- MORIN, E. **Sociologia: a Sociologia do Microsocial ao Macroplanetário**, Portugal: Publicações Europa-América Ltda,1998
- _____. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. S. Paulo: Cortez/ UNESCO, 2004
- _____. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- _____. e CIURANA, Emilio-Roger e MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na Era Planetária (O Pensamento Complexo como Método de Aprendizagem pelo Erro e Incerteza Humana)** São Paulo: Cortez Editora, 2003
- _____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Paris: Éditions Seuil, 2006.
- PEIRCE, Ch. S.. **Escritos Publicados** in Os Pensadores (XXXVI vol.) S. Paulo: Abril Cultural S.A, 1974 (Trad. Luis Henrique dos Santos, p.27)
- PEIRCE, Ch. S. **Semiótica e Filosofia**. S.Paulo: Cultrix, 1972 (Introdução, seleção e tradução de Octanny Silveira da Motta e Leonidas Hegenberg).
- RESWEBER, J.-P.. **A Filosofia dos Valores**. Coimbra: Livraria Almedina, 2002
- SANTAELLA, L. **O que É Semiótica**. S.Paulo: Brasiliense, 2004 (Coleção Primeiros Passos)
- SANTAELLA, Lúcia . **Teoria Geral dos Signos (Como as Linguagens Classificam as Coisas)**. S.Paulo: Pioneira, 2000

